



Evento	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	O Anticristo de Lars Von Trier: trauma individual e violência histórica
Autor	GIORGIA FIORINI
Orientador	RITA TEREZINHA SCHMIDT

O presente trabalho, sob o título *O Anticristo* de Lars Von Trier: trauma individual e violência histórica é um subprojeto desenvolvido por mim, Giorgia Fiorini, discente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e que integra o projeto de pesquisa Literatura e ética: corpo, trauma e memória em tempos de pós-humanismo, coordenado pela Prof^ª Dr^ª Rita Terezinha Schmidt, docente na mesma universidade. Procuo realizar uma leitura crítica da narrativa fílmica *Anticristo* (2009), de Lars von Trier, articulando aspectos da história (BYINGTON; MURARO), da psicanálise (CARUTH; SHOWALTER), da teoria feminista (BEAUVOIR; BUTLER, DWORKIN), dos estudos cinematográficos (MULVEY) e dos estudos semióticos (LAURETIS). A narrativa inicia com duas cenas simultâneas: o movimento de um menino de dois anos, que morre ao cair da janela de seu quarto, e o movimento do casal (pais da criança) em um momento de intenso erotismo. O trauma da perda do filho ganha forma na relação sexo/morte/culpa, que constitui o gatilho para uma série de sintomas que passam a assolar a personagem feminina com sinais manifestos em seu corpo. Por causa da complexa construção dessa personagem contra o pano de fundo de referências mitológicas (Éden, Adão e Eva, pecado original), inscrevendo a figura feminina desde o título, dentro de um paradigma cristão conhecidamente masculino— a figura do *anticristo* sempre foi masculina, de acordo com as escrituras —, procura-se analisar a questão do protagonismo feminino no filme a partir das seguintes hipóteses: 1) Ler *Anticristo* como uma reencenação crítica da história das mulheres é uma forma de colocar em pauta questões importantes para a memória coletiva desse grupo, uma vez que dizem respeito ao reconhecimento de um segmento humano, as mulheres, como injustiçadas históricas, vítimas de culturas misóginas (no caso, a cultura ocidental cristã) que se manifestam materialmente em atos como o feminicídio. A primeira hipótese, portanto, é a de que a narrativa fílmica em questão pode ser interpretada como uma denúncia ao modo como as mulheres, definidas pelo sistema sexo-gênero, têm sido historicamente injustiçadas pelo patriarcado e pelas instituições de poder-saber (FOUCAULT, 1975) que o mantêm; 2) Existe, em muitos momentos de *Anticristo*, um embate, no nível alegórico, entre formas de conhecimento: o conhecimento racional científico, personificado pelo Homem (ambos personagens são inominados no filme) e o conhecimento da natureza e da história feminina, personificados pela Mulher. Esse embate, segundo a minha hipótese, é construído de forma crítica e tensa, ilustrando, em alguns diálogos, séculos do pensamento ocidental. Por fim, acredito que seja possível reconfigurar sistemas de significação pré-estabelecidos pela sociedade através da leitura crítica de uma narrativa estética, para além dos paradigmas tradicionais de interpretação e representatividade dos discursos históricos e mitológicos. Por conta disso, procuro, nessa pesquisa, pensar em estratégias de leitura (LAURETIS, 1984) que possam (re)interpretar a história a partir da interpretação da narrativa fílmica.